

Colapso – como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso

Jared Diamond
Ed. Record, 2005

Por Flávia Natércia

"Chassez le naturel, il revient au galop!" (Expulse o natural, ele volta a galope). A julgar por parte do discurso proferido sobre a mudança climática em curso, o aquecimento global, que fala de vingança ou revolta da natureza contra a artificialidade crescente do ambiente criado pelos seres humanos, o natural se reafirma com força por meio das catástrofes. Furacões, ciclones, tornados, inundações e secas mostrariam haver uma natureza "lá fora", de cujos ciclos o homem se faz vítima. No entanto, como Jared Diamond defende em *Colapso*, parece mais razoável pensar de outra forma: humanos, não-humanos, atmosfera, oceanos se integram num nível sistêmico, intrincado, complexo. É o fato que o efeito-estufa ilumina. Não há vingança, e sim, revelação definitiva da quase organicidade da relação do homem com o meio.

O "natural" é modificar o ambiente. Como bem frisou Richard Lewontin em *A Tripla Hélice*, qualquer espécie de ser vivo, ao utilizar recursos escassos do ambiente e devolvê-los em formas que não podem ser utilizadas novamente por indivíduos da própria espécie, está modificando o ambiente de forma "natural". Nada mais comum que comer, e nada mais ilustrativo da destruição micro-operada por cada célula viva: o metabolismo transforma comida em restos, produtos a serem excretados. No entanto, há algo de peculiar no "terceiro chimpanzé", o *Homo sapiens*, desde que ele "desenvolveu a inventividade, a eficiência e as habilidades de caçador há uns 50 mil anos".

A colonização humana de qualquer grande extensão de terra virgem **sempre** foi seguida de enorme impacto ambiental: derrubada de florestas, extinção de grandes animais "que evoluíram sem temer os seres humanos e foram facilmente abatidos, ou que sucumbiram à mudança de habitat, introdução de espécies daninhas e doenças trazidas pelo homem". A mesma história se repetiu na Austrália, na América do Norte, na América do Sul, em Madagascar, nas ilhas do Mediterrâneo, no Havaí, na Nova Zelândia e em diversas outras ilhas do Pacífico. Segundo o Diamond, descobertas recentes de arqueólogos, climatologistas, historiadores, paleontólogos e palinologistas (especialistas em pólen) têm confirmado a suspeita de suicídio ecológico (ecocídio) não-intencional por parte das sociedades que entraram em colapso.

As evidências de dano ambiental são alocadas pelo autor nas seguintes categorias, "cuja importância relativa difere de caso para caso: desmatamento e destruição do habitat, problemas com o solo (erosão, salinização e perda de fertilidade), problemas com o controle da água, sobrecaça, sobrepesca, efeitos da introdução de outras espécies sobre as espécies nativas e aumento *per capita* do impacto do crescimento demográfico." A esses processos, a sociedade industrial acrescentou mais quatro: "mudanças climáticas provocadas pelo homem, acúmulo de produtos químicos tóxicos no ambiente, carência de energia e utilização total da capacidade fotossintética do planeta".

Diamond adverte que a maioria dessas 12 ameaças se tornará crítica em âmbito mundial nas próximas décadas, o risco é crescente, e, caso não se implementem contra-medidas, teremos o mesmo destino da Somália e de Ruanda. Mas o autor

não crê num cenário apocalíptico de extinção da humanidade ou da civilização industrial. "Tal colapso pode assumir diversas formas, como a disseminação mundial de doenças ou de guerras provocadas pela escassez de recursos naturais". Em sua "estrutura de cinco pontos" de possíveis fatores capazes de contribuir para um colapso, quatro - danos ambientais, mudança climática, vizinhança hostil e parceiros comerciais amistosos - "podem ou não se mostrar significativos para uma sociedade particular. O quinto fator - as respostas da sociedade aos seus problemas ambientais - sempre se mostrou significativo".

Muitas sociedades do passado, por exemplo, se depararam com os efeitos danosos do desmatamento. Diante do problema, "as sociedades das terras altas da Nova Guiné, Japão, Tikopia e Tonga desenvolveram um manejo florestal bem-sucedido e continuaram a prosperar, enquanto a ilha de Páscoa, Mangareva e a Groenlândia Nórdica não conseguiram um bom manejo florestal e, por isso, entraram em colapso". Os resultados foram diferentes, em parte, porque dependem dos valores culturais, dos interesses econômicos, da estrutura social e da organização política das sociedades, tornando-as mais ou menos dispostas, mais ou menos capazes de perceber a degradação e de tentar revertê-la. Não se pode, portanto, dizer que todas estejam fadadas ao fracasso devido à degradação ambiental, nem que ela seja integralmente responsável pelo seu destino. Mas, por outro lado, pode-se procurar compreender o que tornou algumas sociedades suscetíveis de desaparecimento físico e/ou cultural.

Nenhum agrupamento humano está livre da armadilha potencial de sobre-utilizar recursos ambientais. A princípio, eles parecem inesgotáveis e têm suas reduções muitas vezes mascaradas por oscilações normais ao longo dos anos. As aparências enganam. Depois, quando se mostram críticos os níveis do recurso em questão, é difícil fazer as pessoas mudarem de atitude. Além disso, "não nos esquecemos de nada, nós nos habituamos". As paisagens pelas quais passamos quotidianamente vão se alterando - surgem casas, prédios, lojas, academias, estacionamentos; árvores são derrubadas, flores são plantadas; postes, antenas de celular, fiações, luminosos se multiplicam. A questão é tão complexa, que desafia até os ecólogos profissionais. Se as mudanças se processam lentamente, correm o risco de passar despercebidas.

Diamond ressalta que "os problemas ambientais que hoje são difíceis de administrar certamente eram ainda mais difíceis no passado" e as sociedades que entraram em colapso nada tinham de estúpidas ou primitivas. Mas adverte que as diferenças entre o mundo moderno e as sociedades do passado impedem que soluções simples e diretamente transferíveis venham a ser extraídas do estudo. Temos hoje uma "poderosa tecnologia" e uma sociedade global, com tudo que isso tem de bom e ruim. A medicina moderna salva milhões de vida, e logo terá de salvar bilhões. A população mundial continua crescendo e ameaçando ultrapassar a capacidade de suporte da Terra. "Talvez ainda possamos aprender com o passado, mas apenas se avaliarmos cuidadosamente as suas lições".

Da mesma forma como desafiaram as sociedades do passado, os problemas ambientais colocam as sociedades atuais diante de escolhas e decisões que implicam o futuro do planeta e da humanidade. O pior é que, na melhor das hipóteses, as próximas futuras gerações já receberão um ambiente altamente degradado que deverá impor-lhes um padrão de vida inferior ao de seus progenitores. Um dos processos responsáveis é a salinização, um problema em diversos países: Estados Unidos, Índia, Turquia e Austrália, e que outrora favoreceu o declínio da Mesopotâmia, a mais antiga das civilizações, e faz da expressão "Crescente Fértil" "uma brincadeira de mau gosto". Somente em Montana, as estimativas do dano econômico direto causado por plantas daninhas ultrapassam os US\$ 100 milhões por ano.

Colapso mostra que é sempre problemática e desafiadora a relação do homem com seu entorno, mas os islandeses e os habitantes de Tikopia, entre outros, "conseguiram resolver problemas ambientais muito complexos e puderam, assim, persistir durante um longo tempo, e ainda estão fortes atualmente". Os colonizadores noruegueses "inadvertidamente destruíram grande parte do solo da Islândia e a maioria de suas florestas", mas os islandeses acabaram aprendendo com a experiência e adotaram rigorosas medidas de proteção ambiental. Agora desfrutam de uma das rendas nacionais *per capita* mais altas do mundo. Os habitantes de Tikopia, que vivem muito longe até do vizinho mais próximo, tiveram de se tornar auto-suficientes em quase tudo; por meio de uma meticulosa administração de seus recursos e de um rigoroso controle do crescimento populacional, mantiveram sua ilha produtiva, mesmo após três mil anos de ocupação humana.

A ilha de Páscoa fornece o exemplo mais dramático do passado, de acordo com Diamond, o que há de mais próximo de "um desastre ecológico ocorrendo em completo isolamento". No lugar dos deuses astronautas de Erich Von Däniken, tudo indica que as gigantescas estátuas de pedra que até hoje recontam parte da história de seus habitantes foram obra humana, demasiado humana, de custo ambiental excessivamente alto. O resultado é que ficaram poucos pascoenses para contar a história e repovoar a ilha.

O isolamento de Páscoa faz dela o mais claro exemplo de uma sociedade que se destruiu por abusar de seus recursos. Além dos impactos ambientais humanos - sobretudo desmatamento e extinção das aves -, houve "os fatores políticos, sociais e religiosos por trás dos impactos": a impossibilidade da emigração como válvula de escape, o foco na construção de estátuas e a competição entre clãs e chefes induzindo a construção de estátuas cada vez maiores, requerendo mais madeira, mais cordas, mais alimentos. "Metáfora imperfeita" do futuro do planeta? O livro convida a refletir: "se alguns insulares usando apenas pedras como ferramentas e seus próprios músculos como fonte de energia conseguiram destruir o seu ambiente e, assim, destruir a sua sociedade, o que farão bilhões de pessoas com instrumentos de metal e com a energia das máquinas?".

Outros colapsos do passado analisados envolvem Mangareva, Pitcairn e Henderson, as únicas ilhas habitáveis do sudeste da Polinésia; os anasazis do sudoeste dos Estados Unidos; e seus vizinhos, os maias. Das sociedades contemporâneas, o livro se ocupa do genocídio de Ruanda (tema de filme recente); das diferenças entre a República Dominicana e o Haiti, países que compartilham da mesma ilha, Hispaniola; da China, "gigante cambaleante", cujo crescimento econômico explosivo tem acelerado a destruição do planeta; da Austrália, "que vem minando seus recursos renováveis como se fossem minerais" e sofrendo como poucos países com o fardo das espécies introduzidas que se tornam pragas.

Fica implícito, no que Diamond diz, que confiar em tecnologias capazes de salvar o mundo é uma abordagem temerária. Dentre as civilizações que entraram em colapso no passado e as que correm risco de entrar no presente, muitas dispõem de sofisticados aparatos tecnológicos para os padrões de seu tempo. Também não se deve esperar que as indústrias, as empresas de mineração, as madeireiras e o governo se comprometam a mudar de atitude: "nós, o público, temos a responsabilidade final".